

Ascite associada a lipidose hepática em *Felis catus*, na região do sertão da Paraíba, relato de caso.

Sannara Isis Gomes Alexandre (IFPB, Campus Sousa), Clara Andrielem Baia Batista (IFAP, Campus Porto Grande), Suelma Fernandes da Silva (IFPB, Campus Sousa), Bruno Jorge Manguiera Lacerda (IFPB Campus Sousa), Antonielson dos Santos (IFPB, Campus Sousa), Katarine de Souza Rocha (IFPB Campus Sousa).

E-mails: sannaraalexandre@gmail.com, clarabaia20@gmail.com, suellmafernandes16@hotmail.com, brunojlacerda@hotmail.com, antonielsonvet@gmail.com, katarinemv@gmail.com.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 5.05.00.00-7 – Medicina Veterinária.

Palavras-chave: Ascite; Lipidose hepática; *Felis catus*.

1. Introdução

A lipidose hepática é considerada uma das enfermidades hepáticas mais frequentes em gatos domésticos (*Felis catus*), caracterizando-se pelo acúmulo excessivo de lipídios nos hepatócitos, o que compromete progressivamente a função hepática (CENTER, 2007). Geralmente, essa condição é desencadeada por períodos de anorexia, especialmente em animais obesos, nos quais há mobilização intensa das reservas lipídicas e consequente sobrecarga metabólica do fígado (MEYER; HARVEY, 2014). A ascite, por sua vez, define-se como o acúmulo anormal de líquido na cavidade abdominal, estando relacionada a diversos distúrbios, como insuficiência hepática, hipoalbuminemia e hipertensão portal (FELDMAN; NELSON, 2015).

Quando associada à lipidose hepática, a presença de ascite indica um estágio mais avançado da doença, refletindo a redução da capacidade hepática de síntese proteica, sobretudo da albumina, essencial para manter a pressão oncótica plasmática (ETTINGER; FELDMAN, 2017). Embora mais comum em cães, a ascite em gatos com doenças hepáticas é observada em casos mais graves e frequentemente está relacionada a um prognóstico desfavorável (STROMBECK et al., 2013).

Diversos fatores contribuem para o desenvolvimento da lipidose hepática felina, como obesidade, estresse, enfermidades concomitantes e mudanças bruscas na rotina alimentar ou no ambiente (ZACHARY; MCGAVIN, 2013). No sertão da Paraíba, aspectos ambientais e socioeconômicos, como o clima semiárido, a carência de serviços veterinários especializados e a adoção de práticas alimentares inadequadas, podem agravar ainda mais a condição de animais predispostos.

O diagnóstico da lipidose hepática é fundamentado em achados clínicos, exames laboratoriais e, quando disponível, avaliação histopatológica. Dentre os principais sinais clínicos observados destacam-se letargia, anorexia, icterícia, perda ponderal e, em fases avançadas, a ascite (CENTER, 2007). A análise do líquido ascítico pode indicar a presença de transudato ou transudato modificado, com baixa celularidade e variação na concentração de proteínas, dependendo da etiologia (FELDMAN; NELSON, 2015). A ultrassonografia abdominal representa uma importante ferramenta diagnóstica, permitindo a visualização de alterações hepáticas compatíveis com lipidose e a quantificação e caracterização do fluido abdominal (ETTINGER; FELDMAN, 2017).

O tratamento baseia-se na restauração do estado nutricional por meio da alimentação forçada, geralmente enteral, além do suporte hepático com vitaminas e antioxidantes, associado ao controle das enfermidades de base (MEYER; HARVEY, 2014). A ascite, quando presente, pode demandar condutas específicas, como o uso criterioso de diuréticos ou a realização de paracentese terapêutica em situações de desconforto respiratório (STROMBECK et al., 2013).

Diante disso, o presente relato tem como objetivo apresentar um caso clínico de lipidose hepática com ascite em um gato doméstico atendido na região do sertão da Paraíba, enfatizando os aspectos clínicos, diagnósticos e terapêuticos envolvidos, bem como os fatores regionais que possivelmente contribuíram para a evolução do quadro.

2. Relato de Caso

No dia 04 de agosto de 2023, foi atendido no Hospital Veterinário Adílio Santos de Azevedo do Instituto Federal da Paraíba – Campus Sousa, um felino macho, sem raça definida (SRD), pelagem rajada, com 2 anos de idade, pesando 4,2 kg. O animal apresentava vacinação antirrábica atualizada e estava com vermifugação em dia. Durante a anamnese, a tutora relatou que, há aproximadamente 10 dias, o animal vinha apresentando aumento progressivo do volume abdominal, acompanhado de apatia, vocalização diminuída e episódios ocasionais de fezes escurecidas. Informou ainda que o felino tinha acesso à rua, mas esse acesso havia sido restrito cinco dias antes do atendimento. Na avaliação clínica, o exame físico geral e específico revelou temperatura corporal de 39,2 °C, tempo de preenchimento capilar de 2 segundos, frequência respiratória de 28 movimentos por minuto, e frequência cardíaca de 180 batimentos por minuto. As mucosas apresentavam-se hipocoradas e observou-se aumento dos linfonodos poplíteos. À inspeção e palpação abdominal, identificou-se discreto aumento de volume e sensibilidade, com suspeita de acúmulo de líquido cavitário. Diante do quadro clínico, foram solicitados exames complementares:

ultrassonografia abdominal, hemograma completo e análise do líquido cavitário.

A ultrassonografia revelou presença de líquido livre na cavidade abdominal, alterações hepáticas compatíveis com lipidose hepática e alterações na bexiga urinária sugestivas de cistite. O hemograma realizado na mesma data demonstrou leucopenia, com predomínio de neutrófilos bastonetes e segmentados, caracterizando processo inflamatório agudo em curso. Também foi evidenciada trombocitopenia. Com base nesses achados, foi realizada abdominocentese para alívio sintomático da ascite e coleta de amostra para análise. O tratamento instituído incluiu administração intramuscular de dipirona® (mg/mL) na dose de 0,2 mL. Para continuidade terapêutica domiciliar, foram prescritos: Furosemida® (mg/mL): ½ comprimido a cada 8 horas por 5 dias, seguido de ¼ de comprimido a cada 12 horas por mais 5 dias; Dipirona® (gotas): 5 gotas, via oral, duas vezes ao dia por 5 dias; Cetoprofeno® (gotas): 4 gotas, via oral, uma vez ao dia por 5 dias; Leucogen® (mg/mL): 2,5 mL, via oral, duas vezes ao dia por 30 dias; Amoxicilina + Clavulanato® (mg/mL): 2,4 mL, via oral, duas vezes ao dia por 7 dias; Hemolitan®: 2 mL, via oral, duas vezes ao dia por 15 dias. Em 01 de setembro de 2023, foi emitido o laudo da análise do líquido cavitário, que apresentou pH 7,0 e características compatíveis com exsudato, reforçando o diagnóstico de processo inflamatório ativo associado à disfunção hepática.

3. Resultados e discussão

O paciente felino atendido apresentou sinais clínicos compatíveis com distúrbios hepáticos avançados, destacando-se a ascite, apatia, hipocromia de mucosas, além de achados laboratoriais como leucopenia, desvio à esquerda (neutrófilos bastonetes e segmentados) e trombocitopenia. A ultrassonografia abdominal revelou acúmulo de líquido cavitário e alterações compatíveis com lipidose hepática, além de sinais de cistite, corroborando a suspeita clínica inicial.

A lipidose hepática felina (LHF) é uma condição comum em gatos domésticos (*Felis catus*), caracterizada pelo acúmulo excessivo de triglicerídeos nos hepatócitos, geralmente secundária a um período de anorexia prolongada. A doença é frequentemente precipitada em animais obesos ou sob estresse ambiental, podendo levar à disfunção hepática significativa (CENTER, 2005; ROTHUIZEN; TWEDT, 2015).

A ascite, evidenciada no exame físico e confirmada por imagem, está associada à falência hepática grave e à hipoalbuminemia, refletindo a perda da capacidade do fígado de manter a pressão oncótica e o equilíbrio hidroeletrólítico (ETTINGER; FELDMAN, 2017; WATSON, 2017). O líquido cavitário analisado apresentou pH 7,0 e foi classificado como exsudato, indicando a presença de um processo inflamatório ativo ou infeccioso, o que pode estar relacionado à hepatopatia em curso ou à cistite concomitante (ALHO et al., 2016).

Do ponto de vista hematológico, a leucopenia e a trombocitopenia observadas são achados comuns em processos infecciosos ou inflamatórios agudos, podendo também refletir resposta imunossupressora secundária à lipidose hepática ou doenças concomitantes como infecções virais (PIRES, 2023). O desvio à esquerda sugere uma resposta inflamatória aguda, reforçando a necessidade de uma abordagem terapêutica ampla, incluindo antibioticoterapia e suporte hepático.

A terapêutica instituída foi direcionada ao controle da dor, tratamento da ascite e suporte hepático e imunológico. O uso da furosemida, embora eficaz na redução do líquido abdominal, deve ser cauteloso em pacientes hepatopatas devido ao risco de hipovolemia e distúrbios eletrolíticos (MEYER; HARVEY, 2014). A administração de antibióticos de amplo espectro, como amoxicilina associada ao ácido clavulânico, é recomendada em casos com suspeita de infecção secundária (REIS et al., 2021).

O uso de hepatoprotetores, vitaminas e estimulantes hematopoiéticos, como o Hemolitan® e Leucogen®, visa auxiliar na regeneração hepática e na resposta imune (NOGUEIRA et al., 2020). A inclusão de anti-inflamatórios não esteroidais, como o cetoprofeno, deve ser feita com cautela devido à potencial hepatotoxicidade, sendo recomendada apenas sob monitoramento clínico rigoroso (TEIXEIRA et al., 2020).

Esse caso ilustra a importância de uma abordagem diagnóstica integrada e da atenção aos fatores ambientais e socioeconômicos. No sertão paraibano, a limitação de acesso a atendimento veterinário especializado e as práticas alimentares inadequadas contribuem significativamente para o agravamento de enfermidades como a LHF, que, se não diagnosticada e tratada precocemente, pode levar a desfechos desfavoráveis (CUSTÓDIO, 2021; PEREIRA et al., 2014).

5. Considerações finais

A lipidose hepática felina é uma enfermidade de natureza multifatorial, frequentemente desencadeada por períodos de anorexia em gatos predispostos, especialmente obesos ou submetidos a estresse. O caso clínico descrito evidencia a importância da observação criteriosa dos sinais clínicos e da realização de exames complementares para um diagnóstico preciso e intervenção terapêutica eficaz.

A presença de ascite associada à lipidose hepática, embora incomum em felinos, indica uma condição hepática avançada e requer atenção especial, tanto no diagnóstico quanto no manejo clínico. A abordagem terapêutica multidisciplinar incluindo suporte nutricional, controle da dor, antibióticos, diuréticos e imunomoduladores mostrou-se eficaz na estabilização do quadro, apesar do prognóstico reservado.

Destaca-se ainda a relevância do contexto socioeconômico e ambiental da região do sertão da Paraíba, que pode influenciar significativamente no manejo preventivo e curativo dos animais. Assim, o fortalecimento de ações de medicina veterinária preventiva, aliado à educação dos tutores e à ampliação do acesso a serviços clínicos especializados, é fundamental para reduzir a incidência e a gravidade de enfermidades como a lipidose hepática felina.

Agradecimentos

Ao Hospital Veterinário Adílio Santos Azevedo do IFPB Campus Sousa.

Referências

- ALHO, Ana Margarida *et al.* Epidemiologia, diagnóstico e terapêutica da cistite idiopática felina. *REDVET: Revista Electrónica de Veterinaria*, v. 17, n. 11, p. 1-13, 2016.
- CENTER, S. A. Diseases of the gallbladder and biliary tree. In: ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. *Textbook of Veterinary Internal Medicine: Diseases of the Dog and Cat*. 6. ed. St. Louis: Elsevier, 2006. p. 1553-1593.
- CENTER, S. A. Feline hepatic lipidosis. In: *Proceedings of the North American Veterinary Conference*. v. 19, p. 1691-1693, 2005.
- CENTER, S. A. Hepatobiliary disorders. In: ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. *Textbook of Veterinary Internal Medicine: Diseases of the Dog and the Cat*. 8. ed. St. Louis: Elsevier, 2019. p. 1715-1741.
- CUSTÓDIO, Catarina André Vicente. *Lipidose hepática felina – estudo retrospectivo*. 2021. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) – Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2021.
- MEIRELES, José *et al.* Dirofilariose canina e felina. *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias*, v. 109, n. 591-592, p. 70-78, 2014.
- NOGUEIRA, Ellisy Santos *et al.* A nova realidade dos gatos: um estudo com animais atendidos em hospital veterinário. In: *Congresso Mineiro de Felinos – COMFEL 2020*, Uberlândia/MG. Anais [...]. v. 44, 2020.
- PEREIRA, Camila de Oliveira *et al.* Estudo retrospectivo dos atendimentos do serviço de clínica médica de felinos domésticos da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, v. 12, n. 2, p. 71-72, 28 nov. 2014.
- PIRES, Maria Inês Soares. *Infeções víricas no gato doméstico em contexto clínico: Panleucopenia felina e vírus da leucemia felina*. 2023. Relatório de estágio (Licenciatura em Medicina Veterinária) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023.
- REIS, Luciana Barroso dos *et al.* Nocardiose em um felino: relato de caso. *Pubvet*, v. 16, p. 207, 2021.
- ROTHUIZEN, J.; TWEDT, D. C. Lipidosis hepática felina. In: WASHABAU, R. J.; DAY, M. J. *Enfermidades hepáticas em pequenos animais: diagnóstico e tratamento*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. p. 183-196.
- TEIXEIRA, Leonardo *et al.* Cardiomiopatia dilatada arresponsiva ao tratamento com taurina em felino portador de insuficiência cardíaca congestiva direita. *Pubvet*, v. 15, p. 168, 2020.
- WATSON, P. J. Doenças hepáticas em felinos. In: BIRCHARD, S. J.; SHERDING, R. G. *Manual Saunders: Clínica de Pequenos Animais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017. p. 666-675.